



Sala de casa de pequeno proprietário sertanejo, na cidade de Taperoá. Dando para um quarto, uma porta que, quando está aberta, deixa ver uma vela sobre uma mesinha, única luz quando o pano abre. O resto são paredes grossas, alvíssimas, com portas em forma de arco romano, inclusive uma que dá para um corredor, o qual se perde para o interior da casa. Quando o pano abre, o CEGO está sentado no chão, no centro da cena, quase no proscênio, com uma cuia de dinheiro e um bastão ao lado e com uma viola na mão. Usa um chapéu de feltro vermelho de grandes abas e alpercatas. Enquanto dedilha levemente a viola, recita:

C&GO

Junto ao rio e junto ao mar,
foi ali que me sentei
e que me pus a chorar
me lembrando do sertão.
Nos galhos da gameleira
pendurei minha viola:
os que me mantinham preso
exigiam que eu cantasse,
pra beber minha alegria.
E diziam: “Canta, cego,
as cantigas do sertão!”
Mas eu, com pena de mim,
cego e preso junto ao mar,
respondia: “Como posso
cantar as canções de Deus,
sangue do meu coração,
aqui, preso, em terra estranha,
longe do sol do sertão?”

Eita, velha terra cheia de sol, toda embebida de sangue! É de noite ou de dia? (*Canta:*)

Morreu alguém hoje à noite,
morreu sem se lamentar.
Corpo de mulher ou homem?
Logo o povo saberá.
As estrelas o cravaram,
mas há de ressuscitar.

Deus do céu fez este mundo
com tudo o que nele tem.
Primeiro formou o sol
e a terra embaixo também,
tudo é no poder de Deus,
fora dele mais ninguém.

Morreu alguém hoje à noite.
Quantos foram? Quem será?
Quantos foram não importa,
mas quem foi importará.
A vida já foi sangrada,
a morte é quem vai cantar.

Alguém virou-se na cama
sentindo a morte passar.
Outro gritou, mas o vento
esse grito há de apagar.
Morreu alguém hoje à noite,
morreu sem se lamentar.

*A luz se apaga e quando se reacende o CEGO tem desaparecido.
Entra ANTONIO, correndo, com ar de quem vem sendo perseguido.*

Está vestido com a farda usada pela polícia paraibana em 1930, mas está sem as perneiras, sem o quepe e o dólmã está todo esburacado, coberto de manchas e de poeira. Ele entra na sala mas, de repente, ouvindo fora uma tosse de homem e vendo uma luz que se aproxima, esconde-se, aterrorizado, atrás de um móvel. Entra NESTOR, com uma vela pregada num pires. Ele entra, passeia pela sala olhos que não veem nada, pois está com o pensamento longe; vai à porta, abre-a, entra no quarto, substitui a vela que está lá, quase acabada, pela sua, volta à sala e, colocando o toco de vela que trouxe do quarto diante de si, encosta a cabeça sobre o braço na mesa e põe-se a soluçar. ANTÔNIO aproveita isso, esgueira-se e entra no quarto da vela, onde se esconde. Entra MARIA.

MARIA — Venha, meu pai! O senhor já substituiu a vela: é preciso descansar.

NESTOR — Não, tudo está perdido. Agora que meu filho morreu, que descanso posso ter?

MARIA — Não diga isso, pai!

NESTOR — Digo! Digo, porque é verdade. Nunca mais essa noite se acaba!

MARIA — Talvez a madrugada mude tudo, com o vento e com as estrelas! Não era assim que o senhor falava quando eu e Amaro éramos pequenos?

NESTOR — Naquele tempo as balas não tinham atravessado o corpo dele. Agora atravessaram, no sol e na poeira. Chegou mais alguma notícia?

MARIA — O presidente João Pessoa disse que vai mandar um avião bombardear Princesa e que agora o coronel José Pereira se entrega.

JUSTO — Se entrega! Em Tavares todos viram como é que ele se entrega! Diziam que Princesa seria tomada em dois dias! Já faz mais de três meses que a polícia luta e ainda não conseguiu passar nem de Tavares. Tavares, aquele inferno! Você já esteve lá, Maria?

MARIA — Não, meu pai.

JUSTO — É verdade, quando passei lá você não era nascida! É um lugar amaldiçoado, todo cercado de pedras. Só é o que tem lá, pedra e sol. O Batalhão Provisório do governo está no povoado e os cangaceiros de José Pereira cercaram tudo. Ficam lá, escondidos nas pedras, atirando sem pena!

MARIA — Não fale mais nisso, meu pai!

JUSTO — Que é que adianta não falar? O que tinha de acontecer, aconteceu. O homem disse que Amaro foi mandado buscar água na cacimba. Dizem que ele já ia voltando com o balde d'água quando a bala dos cangaceiros o pegou. E ele caiu, com a cara na poeira!

MARIA — Quem sabe se não foi notícia errada, pai? As histórias que chegam de lá são tão confusas! Quem chega aqui é ferido, está assombrado, com medo de morrer, vê gente de Princesa em todo canto! Como é que ele sabe que o Amaro que morreu era o nosso? Pode não ter sido meu irmão!

JUSTO — Pode não ter sido como? Então Antônio, criado com Amaro, ia se enganar? Não foi ele quem mandou o recado pelo homem ferido?

MARIA — Pode não ter sido para nós o recado que ele mandou!

JUSTO — Não, eu sei que foi Amaro quem morreu! É com isso que não me conformo. Antônio, esse desgraçado que não tem ninguém por ele, que não tem nem família, criado por nós desde pequeno apesar de ter o

sangue ruim que tinha, esse escapou, enquanto meu filho, tão moço, tão alegre...

MARIA — Não diga isso, meu pai. Por que falar assim de Antônio, que só tem a nós no mundo? Eu ainda espero. Essa briga acaba e espero que pelo menos ele volte, já que meu irmão morreu, como o senhor diz.

NESTOR — Essa briga não acaba nunca! E mesmo que acabe, que é que adianta? Meu filho nada mais poderá fazer. Os fuzis atravessaram o corpo dele, no sol e na poeira. Que noite escura!

MARIA — Se fosse tudo como antigamente, nós quatro já estávamos dormindo. De madrugada, saíamos. Nós dois, para tirar o leite das vacas, Antônio e Amaro para cuidar da terra e do roçado.

NESTOR — A terra em que meu filho se encontra agora não será mais lavrada. Só passam por ela agora as alpercatas dos cangaceiros e as botinas dos soldados.

MARIA — Os cangaceiros! Meu pai fala assim, mas a culpa da morte de Amaro foi da polícia.

NESTOR — Por que você diz isso?

MARIA — Foi ela quem levou Antônio e Amaro para a luta de Princesa, foi ela que se enfurnou em Tavares. Se não fosse tudo isso, meu irmão não tinha morrido. Tanto que eu pedi a ele que não fosse! Não sei por que, mas estava achando aquilo tudo tão ruim... Nossa família nunca tinha tido ninguém na polícia!

NESTOR — A culpa foi de José Pereira e de Antônio. De José Pereira porque se revoltou contra o governo. De Antônio porque foi ele quem inventou de se alistar no Batalhão Provisório. Não foi esse enjeitado desgraçado quem

inventou de ser macaco? Foi isso o que influenciou meu filho para se meter nessa briga amaldiçoada.

MARIA — Pai, Antônio não tinha outra coisa para fazer. Desde pequeno que ele sabia que não era seu filho. Quando apareceu essa oportunidade de ganhar a vida dele só, tinha que aproveitá-la.

NESTOR — Então, que fosse! Para mim, era até bom que Antônio saísse daqui de dentro. Ainda hoje me arrependo de ter deixado sua mãe criar aquele enjeitado! Ele tem sangue ruim, é ingrato e duro. Mas como foi enjeitado numa Sexta-Feira da Paixão, fiquei com medo de recusar o menino. Agora, minha paga é essa, meu filho morreu por causa dele. Chegaram mais feridos do tiroteio?

MARIA — Não, mas passou uma coluna de soldados que vai para o Piancó, para cercar Princesa pelo outro lado. São muitos, agora. Cada vez que o capitão Costa passa, leva um bocado. Coitados, com a seca vão procurar dinheiro onde o governo paga certo!

NESTOR — O que encontram é a morte, com a cara na poeira. Mas eles que se danem: a mim, só interessa aquele que saiu daqui.

MARIA — É preciso pensar nos outros, pai.

NESTOR — Nos outros da polícia?

MARIA — Sim e nos do outro lado também. Será que eles são mesmo tão ruins como o governo diz?

NESTOR — Não sei nem quero saber. Não tenho mais ninguém.

MARIA — Nós ainda temos Antônio, pai. Foi criado aqui, é alguém por quem pedir. Eu rezo por ele.

NÉSTOR — Sim, é alguém por quem pedir... principalmente sendo você quem reza.

MARIA — Por que o senhor diz isso?

NÉSTOR — Por nada. Que noite esquisita!

MARIA — Esquisita, sim. De vez em quando sinto um calafrio, como se a casa estivesse cheia de asas.

NÉSTOR — A luz vai e vem, como se coisas ainda piores estivessem para acontecer. Ontem, à meia-noite, pararam o tiroteio de Tavares, porque era o dia da morte de Nosso Senhor. Mas será que já recomeçaram a atirar?

MARIA — Talvez. Faz três dias que a madrugada começa desse jeito esquisito.

NÉSTOR — E isso a gente sabendo que está na Sexta-Feira da Paixão! Com essa briga, hoje, amanhã, todos os dias são iguais. Se fosse antes de começar esse cerco maldito de Princesa, poderíamos ter certeza de que era um dia de paz em que não se matam nem os pássaros.

MARIA — É verdade. De que adianta essa trégua? Param de matar porque é o dia da morte de Deus e no outro dia começa tudo de novo, mal chega a madrugada.

NÉSTOR — Há uma espécie de nevoeiro cobrindo tudo. Até a Serra do Pico vai amanhecer coberta.

MARIA — Todos nós estamos isolados uns dos outros. Estamos inteiramente sós, separados pela luta, pela morte, pelo medo. Mas nós temos que viver, meu pai. Eu espero.

NÉSTOR — Espera? Por quem?

MARIA — Por aquele que há de vir tomar o lugar de Amaro.

NÉSTOR — O lugar de Amaro nesta casa ninguém toma. Está ali, com a vela acesa, para que saibam disso. Quem poderia ocupar o lugar dele?

MARIA — Se o senhor fosse agora como era antes, saberia sem que eu precisasse dizer.

NÉSTOR — Eu sei. Você quer falar de Antônio. Você pensa sempre nele! Desgraçada! Seu irmão morto e você pensando naquele desgraçado, farejando homem como sempre viveu! Mas você está muito enganada, a morte chega para todo mundo.

MARIA — Está bem, eu sei. O que eu não sabia era que o senhor tinha mudado tanto!

Soam batidas na porta.

NÉSTOR — Você ouviu? Estão batendo. Quem será a estas horas?

MARIA — Seja quem for, prefiro que venha a ficar sozinha, com o senhor, até que amanheça.

NÉSTOR — É melhor não abrir, pode ser algum dos que desertaram. Dizem que estão atacando as fazendas.

MARIA — É melhor que o senhor vá, pode ser alguém que tenha vindo de Tavares e traga notícias.

Entra o CAPITÃO SOUZA, de farda, sem polainas, com calça cáqui comum, alpercatas, chapéu de pano com enormes abas e lenço vermelho ao pescoço.

CAPITÃO — Boa noite. A porta da rua estava aberta, por isso entrei.

NESTOR — Quem é o senhor? Que veio fazer aqui em minha casa? É cangaceiro de Princesa?

CAPITÃO — Por que pergunta isso? Por causa da roupa? A polícia está se vestindo assim, por lá. Você já ouviu falar num oficial chamado Souza?

NESTOR — Souza? O tenente Souza?

CAPITÃO — Capitão Souza! Está vendo aí os galões? O tenente Souza foi promovido por ato de bravura e chama-se agora capitão Souza! Foi a entrada da polícia em Tavares que me deu o terceiro galão. É por isso que não tenho nada contra José Pereira, os cabras dele foi que arranjaram minha promoção.

NESTOR — Que veio fazer o senhor em minha casa, a essas horas?

CAPITÃO — *(Irônico.)* Mais um que não sabe! Ninguém sabe de nada, aqui em Taperoá! Em toda casa que se entra, tudo calado. É melhor deixar de conversa e contar logo tudo. Onde está esse peste que o senhor escondeu?

NESTOR — Capitão, não sei nem do que se trata!

CAPITÃO — Não acredito, porque todo mundo na rua sabe.

NESTOR — É que faz três dias que não saímos. Desde que recebemos a notícia.

CAPITÃO — Que notícia?

NESTOR — Meu filho foi morto no cerco de Tavares.

CAPITÃO — De que lado, velho? Responda sem mentir, porque se mentir eu descubro e você se arrepende.

NESTOR — Era do Batalhão Provisório, do lado do presidente João Pessoa.

CAPITÃO — Ah, então é o senhor o homem de quem me falaram. Desculpe, estou aqui a serviço da coluna e ainda não conheço direito o povo do lugar. É uma grande honra conhecer a família desse soldado.

NESTOR — Agradeço muito.

CAPITÃO — Não sei como andam as coisas lá pela Paraíba, mas o presidente está fazendo uma subscrição para as famílias dos mortos. O senhor podia escrever uma carta...

NESTOR — Obrigado. Minha terra é pequena e o gado é pouco, mas dá para vivermos sem receber dinheiro pelo sangue de meu filho.

CAPITÃO — Lamento ter vindo incomodá-lo a estas horas, mas não tem outro jeito. Sigo amanhã para Patos e o tempo que tenho é pouco para revistar todas as casas.

NESTOR — Eu compreendo.

MARIA — Mas afinal, que foi que o trouxe aqui? Revistar as casas? Houve alguma coisa?

CAPITÃO — Um desertor que meus homens pegaram na catanga e que vinha preso conosco conseguiu escapar na estrada, pouco antes de chegarmos aqui. Ele fugiu de Tavares, e eu o peguei por acaso, no mato.

MARIA — O senhor pensa que ele veio aqui para a rua?

CAPITÃO — Ele é de Taperoá, naturalmente veio para estes lados.

MARIA — De Taperoá? Da rua, ou de alguma fazenda?

CAPITÃO — Isso não sei. Mas sei que ele fugiu e deve estar por aqui.

NESTOR — O senhor veio a Taperoá só para prendê-lo?

CAPITÃO — Não, vim para recrutar mais gente para o Batalhão Provisório.

NESTOR — Mais gente ainda? Para quê? O jornal não deu que o governo está ganhando e a briga acaba já?

CAPITÃO — Sim, o jornal deu e o governo está ganhando, mas aqueles cachorros parece que aumentam cada dia. Mas essa busca do desertor é uma coisa de que faço questão. Quero prendê-lo de qualquer jeito.

MARIA — Para quê? Vai mandá-lo para a Paraíba?

CAPITÃO — Isso você verá, moça, assim que eu o prender. Tenho ódio dos que desertam. Ele será procurado por minha coluna inteira, pedra por pedra, nesses serrotes, aqui de cabeça abaixo.

MARIA — Como um cachorro doente, coitado. E tudo isso somente porque desertou!

CAPITÃO — Somente porque desertou? Acha pouco, moça?

NESTOR — O senhor não entendeu, ela queria somente saber se o único crime dele foi esse.

CAPITÃO — Terá sido somente por isso mesmo que ela perguntou? Os outros soldados estão lá, em Tavares, com o governo, aguentando o diabo por causa do presidente. Esse correu, fazendo o jogo dos sacanas que estão contra ele.

MARIA — Não é fácil saber quem está com a razão. Principalmente do jeito que as coisas andam.

CAPITÃO — O quê, moça? O que é que você está me dizendo?

NESTOR — O senhor não faça caso, a menina está transtornada. Perdeu o irmão daquele jeito e o senhor sabe como é isso.

CAPITÃO — Está bem, eu compreendo. Mas é preciso ter cuidado com o que faz e com o que diz. Nem todos são tolerantes como eu e poderiam estranhar o que ela diz contra o presidente João Pessoa. Já houve gente sangrada por muito menos do que isso.

NESTOR — *(Mudando de conversa.)* Estão procurando em todas as casas?

CAPITÃO — Estão, meus soldados estão espalhados na rua. Espero encontrá-lo antes do amanhecer. Se é que está mesmo na rua, como penso.

NESTOR — Talvez esteja pelo mato.

CAPITÃO — Acho mais certa a vinda dele para uma casa qualquer. Com todos esses dias de fome e sede, deve estar precisando de ajuda.

NESTOR — Vai ser difícil achá-lo, se ele ficou no mato.

CAPITÃO — Mandeí uma volante dar uma batida pelos serrotes que cercam a cidade. Mas ache ou não ache agora, conto com ajuda para pegá-lo.

NESTOR — Ajuda? Da polícia daqui da rua?

CAPITÃO — Os soldados destacados aqui são uns merdas. Que é que podiam fazer além do que faço? Eu conto é com o medo do povo. Estou espalhando em todo canto que quem for pegado escondendo o desertor morre sangrado. E morre mesmo, moça! Assim, ele está perdido. A necessidade de comer e de falar com alguém há de fazer com que ele apareça. Aí, o medo faz o resto e aparecerá alguém para denunciá-lo.

MARIA — É, o medo. É o que mais se encontra aqui, agora.

CAPITÃO — Aqui e em toda parte, moça. Não foram eles que quiseram, esses cachorros que são contra o presidente? Iam ganhar a eleição em Teixeira, em Princesa e no Catolé do Rocha. Então é assim? O presidente não podia ficar desmoralizado. Foi por isso que nós invadimos Teixeira e vamos tomar Princesa. Enquanto houver um cabra vivo do lado de José Pereira, é preciso fazer medo, queimando as cercas, matando o gado...

MARIA — E sangrando.

CAPITÃO — Sim, e sangrando. Mas nesta casa não é preciso lembrar isso.

MARIA — Por quê?

CAPITÃO — Já foi provada a coragem da família.

MARIA — Aqui existe mais medo do que o senhor pode imaginar. E ódio também.

CAPITÃO — Que é que você quer dizer?

MARIA — Pergunte a meu pai, ele sabe melhor do que eu.

CAPITÃO — A seu pai?

MARIA — Sim. E se ele não souber também, vá perguntar a meu irmão, sepultado entre as pedras de Tavares.

CAPITÃO — O que aconteceu com ele, podia ter sucedido comigo.

MARIA — Podia mesmo? Quantos oficiais já morreram?

CAPITÃO — Até agora nenhum, mas estão todos lá, cumprindo a obrigação.

MARIA — A obrigação deles parece que é sempre mais fácil, porque os que estão morrendo são todos soldados, como meu irmão.

CAPITÃO — Ele morreu do lado do governo, era a obrigação dele.

NESTOR — *(Apressado.)* Era, era a obrigação dele.

CAPITÃO — Com a situação como está, a polícia não pode facilitar. O que esses cachorros querem é provocar a intervenção do governo federal, que não gosta do presidente. Mas antes disso, antes que eles se decidam a fazer essa intervenção, a gente toma Princesa, e quero ver a valentia de José Pereira com meus joelhos nos peitos e a faca na garganta. É por isso que tenho ódio dos que correm, como esse cachorro.

NESTOR — Sim, é um covarde, o senhor tem razão.

CAPITÃO — Esse, aliás, além de covarde é traiçoeiro como uma cobra. Não gaste sua pena com um cachorro como ele, moça. Para acabar com ela, basta que eu lhe conte o que toda a rua já sabe: antes de abandonar Tavares, estando nas trincheiras, ele matou um soldado pelas costas. Mas hoje à noite ele se encontra comigo e aí nós ajustaremos as contas.

MARIA — O senhor vai matá-lo? Tem ordem para fazer isso?

CAPITÃO — Moça, dizem que o presidente deu ordem ao tenente Ascendino quando ele tomou Teixeira. Qualquer pessoa da família Dantas que ele encontrasse de armas na mão, podia matar. Não sei se isso é verdade ou não, mas por mim nunca perguntei a ninguém o que podia fazer ou não: vou fazendo. Só lamento é não ter sangrado logo esse peste no mato, quando o pegamos. Era o que ia fazer, mas o tenente Câmara que vinha comigo me convenceu que era melhor trazê-lo aqui, para que a morte dele servisse de exemplo. Fraquejei e o resultado é que ele fugiu.

MARIA — Matar... O senhor acha pouco as mortes que estão acontecendo em Tavares?

CAPITÃO — Não sei. O que lhe digo é que, mesmo que eu quisesse perdoá-lo, não conseguiria: meus soldados estão loucos para sangrá-lo. Bem, meu tempo é pouco, tenho que ir saindo. Quero avisá-los: esconder o desertor é crime contra o governo, e não denunciá-lo também.

NESTOR — Pode ficar descansado, capitão, se ele aparecer, eu denuncio.

CAPITÃO — Ele talvez já esteja aqui dentro da rua. Mesmo que ainda esteja pelo mato, porém, a recomendação fica feita. Vou para Patos de manhã, mas aqui tem polícia. Se ele aparecer na minha ausência, o senhor sabe onde é o quartel: vá lá e denuncie o homem. Na minha volta, vou apurar tudo direitinho. Com licença.

Sai.

MARIA — (*Amarga.*) Está aí, eu com tanta esperança, quando ele bateu... Era isso que devia esperar.

NESTOR — Não é uma pessoa, afinal de contas? Pelo menos serviu para conversar um pouco, nessa noite escura, conosco de quem todos se afastam. Quem tem morto na família tem de se conformar com isso: é como quem está com bexiga, o povo fica com medo de pegar aquela peste e se afasta de nós. Esse, pelo menos, veio.

MARIA — Quem, esse assassino? Todo mundo sabe quem é ele, meu pai. Nunca viria se fosse só para ver-nos. O que ele quer é matar. Não é nada de governo nem de José Pereira. Esse é dos tais que entram nessas brigas só para matar. Todo mundo sabe o que ele tem feito com a polícia, roubando, incendiando, sangrando os do outro lado... O senhor não viu ele mesmo falar nisso?

NESTOR — Você está vendo coisas demais.

MARIA — Pode ser. Mas ele disse que vai sangrar o desertor.

NESTOR — Aí, está somente cumprindo a obrigação dele.

MARIA — Que espécie de obrigação é essa que manda matar? É isso o que o padre ensina? É isso que está no catecismo que minha mãe me ensinou, meu pai? Podem dizer o que disserem, não entendo nunca essas mortes, essa brutalidade, essa violência, todo esse sangue no sol e na poeira.

NESTOR — E não foi o que fizeram com meu filho? Amaro foi morto, é isso o que eu sei. O resto não me importa.

MARIA — Pois é por isso mesmo que eu não estou com eles.

NESTOR — Com eles quem?

MARIA — Com o capitão e com os outros que levaram Amaro no batalhão.

NESTOR — Como é que você pode dizer isso? São eles que vão vingar a morte de seu irmão!

MARIA — Antes o senhor era contra a luta, fez tudo para Amaro não ir porque achava que o governo não podia ter invadido Teixeira.

NESTOR — Isso foi antes. Agora, o que me interessa é que a polícia é quem vai vingar a morte de seu irmão.

MARIA — Como?

NESTOR — Matando! Matando e quanto mais melhor, para meu filho não ficar sozinho!

MARIA — Para nós, o que é que adiantam essas mortes?

NESTOR — Não sei, mas é assim que me sinto e não quero mais esconder.

MARIA — O senhor mudou tanto, meu pai!

NESTOR — Não fui eu só que mudei, tudo mudou desde que mataram meu filho e que começou essa briga amaldiçoada. E se esse desertor aparecer aqui...

MARIA — O senhor tem coragem de dar a denúncia? É assim agora, entre os sertanejos e a polícia?

NESTOR — Esse cachorro fugiu, enquanto os outros estão lá em Tavares, com as balas, o sol e a poeira!

MARIA — É preciso ter pena dos outros também, meu pai.

NESTOR — Não tenho pena dum covarde como esse. Ele matou um companheiro pelas costas.

MARIA — Como é que o senhor sabe que não é mentira do capitão? Eles inventam sempre essas histórias quando querem sangrar alguém.

NESTOR — Pois então lhe digo que para eu denunciá-lo basta ele ter fugido, deixando os outros naquelas pedras amaldiçoadas. Diga o que quiser, mas é o que eu sinto. E se esse covarde aparecer por aqui... eu o denuncio.

MARIA — Pois faça, deixe seu ódio correr à vontade.

NESTOR — Eu o denuncio para que ele tenha a mesma sorte dos que ficaram em Tavares.

MARIA — É, meu pai, você mudou muito.

NESTOR — Pelo menos numa coisa: agora sei o que quero e tenho alguma coisa a fazer para vingar a morte de meu filho. O capitão disse que tinha encontrado a porta aberta?

MARIA — Disse.

NESTOR — É preciso correr a casa, antes de fechá-la. Vou ver a porta de trás e as dos quartos.

MARIA — *(De costas para ele, tentando dissipar o mal-estar.)* Então veja logo aqui no quarto de Amaro.

NESTOR — Aí eu já estive agora, para mudar a vela. Não tem ninguém e a janela está trancada. Fique aqui, eu volto já.

Entra para o interior da casa. ANTONIO aparece à porta do quarto da vela. MARIA recua, com a mão tapando a boca e ajoelha-se.

MARIA — Amaro, meu irmão! Jesus Cristo tenha pena de sua alma!

ANTONIO — Amaro morreu, Maria, e sua alma está em paz. Sou eu!

MARIA — Antônio!

ANTONIO — Quer dizer que não estou tão mudado quanto me sinto... Então ainda dá para você me conhecer?

MARIA — Eu nunca o esqueci. Mas não é só você quem se sente mudado, muita coisa mudou. Só a casa ainda é a mesma, como você está vendo.

ANTONIO — É, alguma coisa deve ter ficado. É pena que eu não seja mais capaz de ver o que foi.

MARIA — Talvez eu possa lhe mostrar isso, ainda hoje.

ANTONIO — Hoje? Você fala de um jeito tão estranho... Por quê?

MARIA — Não sei, estou com a cabeça apertada! Numa noite como essa, tudo pode acontecer. Quando foi que você chegou?

ANTÔNIO — (*Vagamente.*) Faz alguns dias que saí de lá.

MARIA — E demorou pela estrada? Por que não veio logo para casa?

ANTÔNIO — Por nada.

MARIA — Você foi ferido?

ANTÔNIO — Não.

MARIA — E deram licença a você? (*Compreendendo.*) Antônio, é você? É você o homem que estão procurando?

ANTÔNIO — Sou eu, sim. Procurado como um cachorro. Eu desertei.

MARIA — Tinha de ser você. Eu sabia, tinha de ser você!

ANTÔNIO — (*Amargo.*) É, tinha de ser o companheiro, o irmão de criação do valente, o enjeitado que nunca teve lugar no mundo.

MARIA — Por que você fala assim? Você sabe que não foi isso o que eu quis dizer! Meu pai viu você, Antônio?

ANTÔNIO — Não.

MARIA — Ele estava aqui, quando você veio.

ANTÔNIO — É verdade, mas eu me escondi dele.

MARIA — Por quê? Você não confia nele?

ANTÔNIO — É que eu não queria ver ninguém antes de ver você. De qualquer maneira, que é que me adianta? Eu vou ser pegado. Foi o capitão que esteve aqui, não foi?

MARIA — Foi.

ANTÔNIO — Ouvi o que ele disse, ouve-se tudo ali do quarto.

MARIA — Ele faz questão de matá-lo. Fuja, Antônio, fuja enquanto é tempo. Alguém termina denunciando você!

ANTÔNIO — Não adianta, de qualquer maneira estou exausto, estou no fim e não aguento mais. *(Cambaleia. MARIA corre para ele.)* Deixe! Não quero ajuda de ninguém!

MARIA — Você andou muito pelo mato?

ANTÔNIO — Mais do que você imagina. De Tavares até aqui é longe, mas além disso eu tinha que correr pelo mato, por causa das volantes. E sempre a pé, entre os espinhos, no sol e na poeira, até aqui. Andava até que o ar me faltava. Quando não podia mais, caía. A terra da catinga é tão dura e quente que você nem imagina, Maria. E está toda embebida do sangue dos que mataram.

MARIA — Você precisa descansar, venha.

ANTÔNIO — Não, prefiro ficar aqui, ainda um pouco. Faz não sei quantos dias que não converso com ninguém. Eles me prenderam, Maria, mas eu sou duro de cair e consegui escapar.

MARIA — Eu sei, o capitão nos contou.

ANTÔNIO — Depois que fugi é que foi o pior. Correr na catinga de dia, era ruim. Mas de noite, fica tudo isolado. Só se ouvem os passos da pessoa que anda, e, atrás, aqueles olhos amaldiçoados.

MARIA — Você se arrisca muito, ficando aqui.

ANTÔNIO — Eu sei, mas não tem outro jeito.

MARIA — Então, é preciso pelo menos se esconder. Alguém pode avistar você e denunciá-lo. Se o capitão desconfiar...

ANTÔNIO — O capitão... Você não sabe quem é ele, Maria. Esse desgraçado foi queimado pelo sol do diabo. Você duvida? Olhe com cuidado e talvez possa ver o sangue em torno dele.

MARIA — O sangue?

ANTÔNIO — Sim, é o sangue dos mortos. Vai se juntando na roupa dos que matam. Veja: estou todo sujo de sangue!

MARIA — Você também?

ANTÔNIO — E então? Eu também. Quando o sol batia de tarde, nas trincheiras, era insuportável, o sangue dos mortos escurecia tudo e espalhava por todo canto seu cheiro de faca enferrujada. Não pude suportar mais. Todos nós estamos assim.

MARIA — Eu sei, mas venha descansar.

ANTÔNIO — O jornal fala, os homens lá na Paraíba falam, o presidente fala, dizem que tudo está certo, mas eu que estive lá, eu, Maria, lhe digo que aquilo é uma polícia de assassinos. Pode ter um ou dois no meio, um ou dois que prestam, o capitão Irineu é um deles. Mas esse que veio cá é um assassino. Vi quando ele sangrou um homem que tinha sido preso, Maria. Posso mesmo dizer que tomei parte na morte.

MARIA — Você?

ANTÔNIO — Sim, e então? O que foi que eu fiz? Fiquei ali parado, com a vista escura e com vontade de vomitar, mas não fiz nada. E você sabe a impressão que me ficou?

MARIA — Não.

ANTÔNIO — Foi aí que o sangue começou a pegar na minha roupa. O pior é que o povo parece que adivinha que o sangue está ali; em todo canto que se chega ninguém olha para a gente. Baixam a vista e saem, com a cara que parece de pedra. Aí foi que começou o barulho de Tavares. Com um dia de cerco, os cangulos abandonaram as casas e a gente entrou na rua, com a corneta tocando. Tudo estava parecendo muito fácil, mas foi então que eles voltaram e nos cercaram lá dentro. Tem gente na polícia que diz que a fuga deles foi feita de propósito, para nos pegar dentro daquela ratoeira de pedra. Não sei, mas cercaram Tavares e a polícia ficou lá, presa, debaixo dos tiros dos cangaceiros que ficam nos serrotes, por trás das pedras. Lá só tem uma cacimba, Maria. Para ir buscar água era um inferno, todo dia morria gente.

MARIA — Foi assim que Amaro morreu?

ANTÔNIO — Foi. E foi aí que tudo foi ficando cheio de sangue. A briga não era nada, mas a morte do homem sangrado não me saía da cabeça. Eu sempre tive ódio da brutalidade, Maria. E o pior é que parece que a brutalidade não tem jeito nesse mundo.

MARIA — Por que você diz isso?

ANTÔNIO — Desde pequeno que eu sofro com a brutalidade, e agora, lá em Tavares, vi que não tem jeito para ela. Para acabar a brutalidade, a gente tinha que sangrar todos os brutos da qualidade do capitão. Mas aí a gente ficava como eles, com a roupa cheia de sangue.

MARIA — Foi por isso que você... veio?

ANTÔNIO — Foi, por isso e por causa do homem que sangraram. Espere! Você ouviu alguém bater?

MARIA — Ouvi. Parece que foi numa janela, lá dentro.

ANTÔNIO — Quem terá sido?

MARIA — Meu Deus, será o capitão?

ANTÔNIO — Vá ver. Talvez seja seu pai!

MARIA — Entre no quarto de Amaro. Se meu pai avistar você, fuja. Eu lhe digo o momento de sair!

Sai. ANTÔNIO fica no quarto, com a porta aberta, de faca na mão.

MARIA volta.

MARIA — Não há ninguém lá fora. Foi o vento batendo numa persiana.

ANTÔNIO — Como é que você sabe?

MARIA — Ela estava aberta e eu fechei.

ANTÔNIO — E seu pai?

MARIA — Deve estar no quarto dele, deitado. Lá dentro não há ninguém.

ANTÔNIO — Está bem. O que foi que você quis dizer, quando disse que eu devia fugir se seu pai me avistasse?

MARIA — Tenho vergonha de lhe confessar isso, Antônio, mas é que meu pai pode denunciar você.

ANTÔNIO — É possível? Foi ele quem me criou.

MARIA — Ele está mudado.

ANTÔNIO — Desde quando?

MARIA — Desde que começou tudo isso e vocês foram no batalhão. Mas tudo piorou depois que ele soube que Amaro tinha morrido.

ANTÔNIO — Eu compreendo. Comigo aconteceu a mesma coisa.

MARIA — Com ele não foi do mesmo jeito não, Antônio. Ele está com o sangue cheio de raiva e de dureza.

ANTÔNIO — Eu também estou. Com raiva de todos aqueles que me convenceram de que eu devia me meter nessa revolução, nessa mortandade. Que me fizeram ir para lá, pensando que com aquilo se acabava de vez com o cangaço e com a brutalidade. E o cangaço e a brutalidade, as mortes e a revolução eram a polícia e o governo que queriam. Malditos sejam todos eles!

MARIA — A raiva de meu pai é diferente, é de todos os que ficaram vivos. Você compreende o que significa isso? Se ele encontrar você aqui, vai denunciá-lo ao capitão. Nunca mais ele lhe perdoa ter ficado vivo com Amaro morto.

ANTÔNIO — Não acredito!

MARIA — Eu também não queria acreditar, mas ele mesmo disse isso aqui, antes de sua chegada.

ANTÔNIO — É por causa de Amaro?

MARIA — Acho que sim. Você não viu a vela, no quarto dele?

ANTÔNIO — Vi.

MARIA — Está acesa lá desde o dia da notícia. Quando se acaba uma, ele bota outra. Isso de dia e de noite, e disse que vai ficar assim até morrer. Meu pai está meio doido, Antônio.

ANTÔNIO — Então, tenho que me defender de vocês também... E era aqui que eu esperava descansar! Enfim, que é que se pode fazer? Se é assim, é melhor sair logo e de vez para a rua.

MARIA — Espere, por aí não. É melhor você sair por trás.

ANTÔNIO — Se eu sair por trás, seu pai me vê.

MARIA — Deixe eu ir ver se ele está dormindo. *(Vai sair pelo corredor, mas volta aterrorizada.)* Antônio! Meu pai!

Antes que ANTONIO possa fazer qualquer coisa, NESTOR entra, com uma vela na mão.

NESTOR — *(Depondo a vela na mesa.)* Antônio, você aqui?

MARIA — Chegou nesse instante, meu pai. Veio de Tavares com uma volante.

NESTOR — Você foi ferido?

MARIA — Foi, ligeiramente. Coisa pouca, mas o capitão Irineu deixou que ele viesse.

NESTOR — Você teve licença?

ANTONIO — Tive.

NESTOR — Vai demorar?

ANTONIO — Somente o que for preciso.

NESTOR — Você precisa ter cuidado.

ANTONIO — Que há?

NESTOR — O capitão Souza esteve aqui. Estão procurando um homem que desertou e podem confundi-lo com você.

MARIA — Não é possível, veriam logo que era engano!

NESTOR — Você se apresentou no quartel antes de vir para cá?

ANTÔNIO — Não.

NESTOR — É melhor que você se apresente ao capitão, para evitar desconfiança dele.

ANTÔNIO — Eu trato disso depois.

NESTOR — Quando?

MARIA — Quando amanhecer o dia, meu pai. Antônio chegou agora, está morto de cansaço.

NESTOR — Você deve dormir no quarto de lá, no de vocês não. O de vocês agora é somente dele. Você estava lá, Antônio?

ANTÔNIO — Lá onde?

NESTOR — Na trincheira, na hora em que Amaro morreu?

ANTÔNIO — Estava.

NESTOR — Ele morreu na mesma hora?

ANTÔNIO — Foi. Acho que não soube nem o que aconteceu. Foi melhor assim e não foi ele quem teve a pior sorte.

NESTOR — Certamente não. Os que fogem, talvez se arrependam depois!

ANTÔNIO — É, talvez.

NESTOR — O mato tem muitos caminhos, mas o fogo dos fuzis corta todos eles. Estou dizendo isso dos cangaceiros de Princesa, é claro.

ANTÔNIO — Eu entendo isso, meu pai.

NESTOR — Não foram eles que mataram meu filho? Não foram eles que se revoltaram contra o governo?

ANTÔNIO — Foram, mas até agora eu só não consegui entender uma coisa: que qualidade de revolta é essa? Diziam que os cangaceiros iam invadir o estado, mas como é que isso é possível, se eles estão lá, na casa deles, e a polícia é que está cercando Princesa? Ia haver eleição em Teixeira e a polícia entrou lá, poucos dias antes.

NESTOR — Era preciso desarmar os cangaceiros.

ANTÔNIO — É o que diziam, mas só se procuram esses cangaceiros nas terras onde moram os que não gostam do governo.

NESTOR — Se você pensava assim, por que entrou no movimento? Por que inventou de sentar praça na polícia?

ANTÔNIO — Que outro tipo de vida podia tentar um enjeitado que nunca teve nada, meu pai? E além disso, eu sabia lá de nada? Só depois, aos poucos, é que fui descobrindo as coisas. E não sou eu somente, em Tavares todo mundo já estava falando, pelas costas dos oficiais.

NESTOR — O que eu sei é que o governo termina ganhando, no fim.

ANTÔNIO — Só se vier tropa do exército, meu pai.

NESTOR — Isso é o que os inimigos do presidente querem. A tropa federal é a favor deles. E é por isso que o presidente nunca permitirá a vinda do exército.

ANTÔNIO — Então o presidente vai perder, porque a polícia não pode com o pessoal de Princesa não, meu pai!

NESTOR — Em Tavares ela ganhou.

ANTÔNIO — Terá ganho mesmo? Está todo mundo desconfiado lá que eles deixaram a polícia entrar de propósito. Ela ficou fechada ali, no meio do caminho, e nunca mais conseguirá nem sequer chegar a Princesa. Mas mesmo que tenha sido vitória mesmo, a da entrada de Tavares, o que foi que adiantou? Os cangulos voltaram, e agora a polícia só faz levar tiro deles e esperar.

NESTOR — Ah, a situação é difícil... Deve ser por isso que tanta gente está desertando. Quantos desertaram?

ANTÔNIO — Não sei.

NESTOR — Não sabe? Você não estava lá?

ANTÔNIO — Estava, mas como é que vou saber? Uns dizem que foram trinta, até agora. Mas outros dizem que foram mais de cinquenta.

NESTOR — Cinquenta! Correndo pelo mato, enquanto os outros ficam lá. De qualquer modo, há muitas maneiras de morrer. A de Amaro foi uma, mas existem outras e o capitão sabe disso.

ANTÔNIO — Que é que o senhor quer dizer?

JUSTO — Nada. Fique aqui. Sua casa é esta, como sempre foi. Maria cuidará de você.

MARIA — Meu pai!

JUSTO — Que é?

MARIA — Para onde vai você?

JUSTO — As velas se acabaram, vou ver se compro alguma na rua.

MARIA — Assim, de force na mão?

JUSTO — A rua está cheia de soldados, não quero me arriscar.

MARIA — É melhor deixar que amanheça.

JUSTO — Não, a vela não sustenta até de manhã e não quero deixar o quarto dele sem luz.

MARIA — Todas as casas estão fechadas.

JUSTO — Na farmácia fica gente dormindo. Vou bater lá, sei que eles me atendem. Se aparecer alguém, não abram. Pode ser perigoso para Antônio.

Sai.

MARIA — Agora é preciso fugir.

ANTÔNIO — Você pensa que eu corro perigo?

MARIA — Ele vai avisar o capitão. Saia, Antônio, saia pela parte de trás da casa e corra nem que seja até Cosme Pinto. Lá, peça aos Pimentas, que eles o ajudarão.

ANTÔNIO — Não posso, não quero mais fugir, Maria.

MARIA — É preciso tentar alguma coisa.

ANTÔNIO — Existem muitas maneiras de morrer e o mato está cheio de fuzis, como ele disse. Assim...

MARIA — Se você ficar, é a morte certa.

ANTÔNIO — E lá fora? Talvez seja mais certa ainda e, além disso, vou ficar sozinho de novo, ouvindo meus passos na madrugada e vendo por toda parte os fuzis que me olham.

MARIA — E se você não fosse só?

ANTÔNIO — Se eu não fosse só?

MARIA — Se eu fosse com você, você ia?

ANTÔNIO — Se você fosse comigo... para o mato?

MARIA — Para o mato ou para onde você quisesse.

ANTÔNIO — É impossível!

MARIA — Por quê?

ANTÔNIO — Por que você faria isso?

MARIA — Você... você não sabe, Antônio?

ANTÔNIO — Eu não sou seu irmão. Em troca de quê, esse sacrifício?

MARIA — Em troca de nada. Ou talvez em troca do que você pode me dar.

ANTÔNIO — *(Num gesto para o quarto da vela.)* Ele?

MARIA — Não, nós dois. O que é que eu posso esperar ainda, aqui? Assim, é melhor para nós sairmos, atrás de nossa vida, que quiseram acabar.

ANTÔNIO — Quiseram acabar... Você acha que ainda me resta alguma coisa?

MARIA — É preciso acreditar.

ANTÔNIO — E se eu acreditasse?

MARIA — Você ainda pode?

ANTÔNIO — Se você quisesse...

MARIA — Eu quero. Sempre quis, Antônio.

ANTÔNIO — *(Abraçando-a.)* Maria!

MARIA — Eu sempre quis!

ANTÔNIO — Você vai comigo?

MARIA — Vou.

ANTÔNIO — A morte pode nos pegar na estrada. É preciso coragem.

MARIA — Com você eu não tenho medo.

ANTÔNIO — É longe. Nós teremos que andar muito, até sairmos do estado e chegarmos a Pernambuco. As volantes estão andando por todo canto.

MARIA — Nós dois podemos escapar.

ANTÔNIO — E seu pai?

MARIA — Que é que meu pai tem ainda comigo? Sou viva demais para ele, agora. Aqui não posso esperar mais nada. Não é só por sua causa que eu vou, Antônio, é por mim também.

ANTÔNIO — Então vamos. Foi isso que eu desejei a vida toda, Maria, sem nunca ter coragem de lhe dizer. Mas agora, é você mesma quem me diz. Então, se é assim, tenho coragem de aceitar. Vamos.

MARIA — Deixe eu ir na frente. Vou olhar na rua. Se não houver ninguém, chamo você. Fique no quarto, alguém pode avistar seu vulto pela janela.

ANTÔNIO entra no quarto e MARIA sai, voltando imediatamente, apavorada.

MARIA — Antônio!

ANTÔNIO — Que é? Tem alguém?

MARIA — Não, mas a porta de trás está trancada!

ANTÔNIO — Trancada?

MARIA — Sim, e sem a chave. Foi meu pai. Ele deve ter avistado você antes de vir para cá!

ANTÔNIO — Será possível? Como ele teria feito?

MARIA — Deve ter ouvido sua voz. Levantou-se, saiu. Foi aí que a gente ouviu o barulho, na janela: ele saiu para nos espreitar pelo lado de fora. Voltou, trancou a porta da cozinha e veio.

ANTÔNIO — Todas as janelas dão para a rua. Mas se não tem outro jeito, vamos sair por uma.

MARIA — É melhor sair pela porta da frente. Se alguém nos avista saindo pela janela, estranha logo. Pela porta, ainda há uma esperança!

ANTÔNIO — A rua da frente é a mais importante, deve estar mais vigiada!

MARIA — Acho que não. Vamos tentar, venha. Espere, é melhor eu ir na frente. *(Sai novamente e volta desalentada.)* Está trancada, também. Meu pai deve tê-la trancado por fora quando saiu.

ANTÔNIO — Então estou perdido!

MARIA — Não, ainda não. Vamos arrombar a porta.

ANTÔNIO — Ele levou a foice.

MARIA — É o único ferro grande que tem aqui, foi por isso que ele o levou!
Mas há um pau, na cozinha. Venha, vamos arrombar a porta traseira.
Espere. Você ouviu?

ANTÔNIO — Que é?

MARIA — Alguém virou a chave na fechadura da porta. Corra, Antônio.

ANTÔNIO — Para onde?

MARIA — Aqui, entre no quarto de Amaro!

*ANTÔNIO tira uma faca do cinturão e entra no quarto da vela,
fechando a porta atrás de si. Entra o CAPITÃO.*

MARIA — É o senhor? Como conseguiu entrar?

CAPITÃO — A porta estava novamente aberta. Duas vezes na mesma noite.

MARIA — A porta estava fechada.

CAPITÃO — Bem, então foi seu pai que me encontrou e que me deu a chave.

MARIA — Que foi que o senhor veio fazer aqui?

CAPITÃO — Seu pai me disse certas coisas.

MARIA — Certas coisas de quê?

CAPITÃO — Certas coisas a seu respeito. Coisas muito esquisitas, principalmente tratando-se da irmã do soldado que os cangaceiros mataram.

MARIA — Por mais estranho que fosse, é menos estranho do que isso que meu pai fez.

CAPITÃO — Isso que seu pai fez quando?

MARIA — Agora, mandando para cá um homem como o senhor.

CAPITÃO — O que é que eu tenho de mais, moça? Sou um homem respeitador, sou da polícia e do governo como seu irmão era. Seu irmão... Seu pai me disse que o quarto dele era esse!

MARIA — *(Tomando-lhe a frente.)* Saia daí, assassino!

CAPITÃO — Que é isso, moça? É preciso calma, viu? Foi seu pai quem me mandou aqui e eu entro onde quero.

MARIA — Desculpe, queria somente pedir que não entrasse aí.

CAPITÃO — *(Entendendo.)* Ah! Pode me dizer por quê?

MARIA — Era o quarto de meu irmão. Agora, que ele morreu, não queremos que o quarto seja mais aberto. *(Falando para ANTÔNIO.)* A não ser para as pessoas que nós amamos.

CAPITÃO — Está bem, já entendi tudo. Mas quero lhe dizer umas palavras antes de você tomar essa decisão, moça.

MARIA — Que decisão?

CAPITÃO — Você sabe melhor do que eu. Olhe, vou lhe dizer uma coisa: quando eu era mais moço, tive que tomar uma decisão dessas. Para continuar na polícia e ser promovido, tive que deixar de lado o homem que me colocou lá. Tomei o lado do governo, porque o governo não pode ser desmoralizado. Olhe em seu redor e veja: por que foi que os dois rapazes daqui se alistaram?

MARIA — Foi a seca.

CAPITÃO — Está vendo? Você fala assim com vergonha, mas foi a fome e a necessidade. Com o governo, tudo isso se acaba: é dinheiro certo, porque o governo é certo e tem força. Agora, esses cachorros do outro lado estão querendo desmoralizar o governo. Olhe, vou lhe dizer uma coisa: desde que tomei minha decisão, luto a favor dela, procurando acabar com a resposta dos outros. Era isso que eu estava procurando em Tavares, em Princesa e no mato, quando atiro nos bois, incendeio as cercas ou sangro um cangaceiro qualquer. É por isso que lhe digo que uma dessas respostas que procuro bem pode estar aí, escondida nesse quarto.

MARIA — Não acredito que o senhor encontre nada aí. E se o senhor vive procurando isso, procure primeiro não fazer mal a ninguém.

CAPITÃO — Ah, eu sei... A história da porta estreita e da estrada espinhenta. Minha farda não aguenta essa qualidade de caminho. Meu caminho, moça, é o das facilidades e do governo.

MARIA — Por que o senhor me diz tudo isso?

CAPITÃO — Para preveni-la de que sua hora chegou. Tem uma hora em que é preciso decidir, e a sua chegou.

MARIA — Devo me decidir agora?

CAPITÃO — É. Aliás, você escolheu, antes de minha chegada. Mas fez uma escolha errada, moça.

MARIA — Errada por quê?

CAPITÃO — Você escolheu contra o governo. Mais ainda é tempo de retroceder.

MARIA — Que devo fazer para isso?

CAPITÃO — Você deve me entregar a resposta que eu ando procurando.

MARIA — E se eu preferir a estrada dos espinhos?

CAPITÃO — Os espinhos podem matá-la. Mas para você eu vou fazer uma exceção e deixar que você mesma escolha.

MARIA — É um direito meu?

CAPITÃO — Não, é um privilégio que lhe dou porque você é irmã do soldado morto.

MARIA — Deixe em paz os que já morreram!

CAPITÃO — Sim, é verdade. A paz dos que morreram. A gente pode quase sentir essa paz aqui. Devo levar isso em conta, pois até certo ponto justifica o que você quis fazer.

MARIA — Como pode saber que eu quis fazer alguma coisa?

CAPITÃO — Depois que tomei minha decisão e me meti nessa catinga envenenada, moça, fiquei assim com um faro de cachorro, que me avisa de qualquer perigo ou quando estão tramando qualquer agressão à minha facilidade.

MARIA — Sua facilidade?

CAPITÃO — Minha paz de espírito, se prefere dizer assim. Uma paz de espírito a meu modo.

MARIA — Então por que não me mata? Não é assim que o senhor faz sempre? Sua fama já está espalhada, todo mundo sabe que você sangra os que são contra o governo.

CAPITÃO — Era o que eu devia fazer. Mas seu pai é do governo e seu irmão morreu em Tavares. Além disso, como você disse, é melhor deixar em paz os que já morreram. E existe outro motivo para eu querer um arranjo com você. Acho mesmo que seu pai não se importa, senão ele não teria me dado a chave. Não foi o que você disse?

MARIA — Foi.

CAPITÃO — Seu pai sabe quem eu sou e você também sabe. Vou ser o mais claro possível, mas antes de ir adiante quero saber uma coisa. Não se ofenda por eu lhe perguntar isso, mas você ainda é moça? É, pela cara que fez a gente entende logo. Só assim me interessa, uma moça assim, com cara de menina, é uma coisa que me deixa louco. Com essa vida na polícia, nas volantes, tenho vivido num inferno. Aqui mesmo, dormi no quartel, numa rede cheia de percevejos. Está entendendo?

MARIA — Estou.

CAPITÃO — Vou me arriscar muito se vier a esquecer que você fez aquela primeira escolha. Meus soldados sabem que eu estive aqui, e se eu não for duro com você, posso me complicar. O governo não perdoa uma dessa, é capaz de me rebaixar e mesmo de me botar para fora da polícia. Você escondeu o que não deve e tenho que tomar uma atitude forte.

MARIA — Qual? Minha morte?

CAPITÃO — Sim, a sua e a desse que está aí. Mas eu não quero matá-la.

MARIA — E então?

CAPITÃO — É preciso mostrar a meus soldados e ao governo que só não matei você porque você está do lado do governo.

MARIA — O senhor é muito bondoso comigo. Em troca de quê me daria essa oportunidade?

CAPITÃO — Eu já disse. Desde que vi que você era moça, fiquei lhe querendo. Não posso dizer que me caso, porque sou casado. Mas ficando comigo, você está segura. Não pense que eu deixo você abandonada. Quando voltar de Patos, em vez de ir para o quartel, venho dormir aqui. Todo mundo fica respeitando você, com medo do capitão.

MARIA — E isso basta para provar que eu estou do lado do governo?

CAPITÃO — Para mim, basta, mas para o governo, não. Não falta aqui quem queira ganhar prestígio me denunciando. Além disso, os soldados estão aí na rua, esperando. É preciso mostrar a eles também de que lado você está.

MARIA — Como?

CAPITÃO — Entregando a mim, na vista de todo mundo, esse desertor que está aí dentro. Vou voltar para a rua, digo que dei a busca e que não encontrei ninguém. Aí, você grita por mim e abre a porta. Agradeça minha bondade, moça. Eu podia sair daqui sem perigo e chamar os soldados, mas seu pai é do governo, seu irmão morreu na polícia e eu quero cama limpa e moça nova quando vier aqui.

MARIA — O senhor promete... deixar Antônio vivo? Ele podia ficar preso aqui no quartel.

CAPITÃO — Não pode ser não, moça. A situação está muito dura; em Piancó, onde estão os chefes, não querem saber de desculpa nenhuma. Já houve as maiores confusões com o tenente Elias, ele só se saiu bem porque era do governo e a situação é tão ruim que precisavam dele de qualquer jeito. Mas quem me garante que precisam de mim?

MARIA — Está bem, então não tem outro jeito. Aceito o que o senhor me oferece. Vá esperar lá fora.

CAPITÃO — Veja bem, não brinque comigo. De qualquer forma, para ele não adianta nada, a casa está completamente cercada. Por qualquer lado que você tentasse fugir, seria a morte certa. De modo que você não tem outro jeito senão aceitar. Do lado dele, é a morte; comigo, a vida e a segurança. Eu vou esperá-la.

Sai. ANTÔNIO sai do quarto.

ANTÔNIO — Ele sabe de tudo, seu pai me denunciou.

MARIA — Você estava ouvindo?

ANTÔNIO — Estava. Ouvi quando você falou nos que podiam entrar no quarto. Os que você ama. Que vai fazer agora?

MARIA — Você ainda pergunta?

ANTÔNIO — Claro, tenho que saber. Se eu morrer será por causa disso.

MARIA — Você devia saber há muito tempo.

ANTÔNIO — Por quê? Que foi que eu tive na vida para ter obrigação de saber isso? Eu estou corrido da polícia, à beira da morte, e ainda sou o mesmo enjeitado que deixaram ali naquela porta. Você sabe por que eu arrisquei minha vida para chegar aqui? Sabe por que tinha que ser hoje de qualquer jeito?

MARIA — Não.

ANTÔNIO — Está vendo? Nem você, que é tão boa, que foi o sonho de minha vida toda, sabe. Hoje é Sexta-Feira da Paixão, Maria, e eu fui deixado aí numa sexta-feira dessa. É o dia dos enjeitados. Hoje pois é meu aniversário. Você e Amaro tinham o dia do nascimento, eu não: o meu, era o dia em que tinha sido deixado na porta.

MARIA — Mas você teve sua casa e sua família.

ANTÔNIO — Sim, tive a minha casa. Mas seu pai, você viu o que ele fez comigo. Quanto a seu irmão, o que o capitão disse é verdade, se bem que ele não saiba por quê. Talvez muitas das perguntas que me perseguem tenham sua resposta aí, no quarto de Amaro.

MARIA — Você achou alguma?

ANTÔNIO — Não sei. Estou cego, agora. O sangue maldito encheu meus olhos também.

MARIA — É preciso que você se limpe de tudo isso, do medo e do ódio. Nós temos que fazer isso logo. Numa noite como essa, temos que aprender a viver depressa.

ANTÔNIO — A viver depressa.

MARIA — E a arriscar-nos. Conformando-nos com a morte, se ela for inevitável. Quanto a meu pai, ele está transtornado, Antônio.

ANTÔNIO — E você pensa que comigo era diferente, antes? Foi ele quem me fez entrar na polícia, porque eu sentia que ele queria se ver livre de mim. Passei toda a minha vida ouvindo palavras duras, dele e dos outros. Os homens são cheios de maldade, Maria, e eu comecei a sentir isso cedo demais. No começo, pensava que todos sofriam a mesma coisa, mas logo depois comecei a ver que havia umas pessoas mais marcadas do que as outras. Os ciganos, os negros, os enfeitados... Eu era um desses. Assim, como é que você pode esperar que eu confie e me arrisque de vez, sem nenhuma garantia sua?

MARIA — O que eu lhe disse não basta? É de mim que você quer a garantia?

ANTÔNIO — É. Somente dada por você é que ela me serve.

MARIA — Está bem. Pergunte então o que quiser.

ANTÔNIO — O que eu quero saber é uma coisa só, Maria. Você quer aceitar a proposta que o capitão lhe fez?

MARIA — Não.

ANTÔNIO — Se você não quisesse, teria dito logo. Nós estamos perdidos, e assim, não havia motivo nenhum para você dizer que ele esperasse. A não ser que você vá mesmo me entregar. Por que você disse isso?

MARIA — Queria ver você ainda uma vez antes de morrermos.

ANTÔNIO — Você prefere ficar comigo, mesmo para morrer?

MARIA — Prefiro, e você devia saber disso sem que eu lhe dissesse.

ANTÔNIO — Então por que propôs ficar com ele? Você pensa que eu não ouvi? Ele falou com você com aquela voz de cachorro, chegando-se bem para perto e falando quase no seu ouvido. Disse que já que você era moça isso o deixava louco e ele queria cama limpa.

MARIA — Eu não disse que aceitava.

ANTÔNIO — Mas propôs a ele a mesma coisa, se ele nos deixasse vivos. Você não diz nada? É verdade?

MARIA — É.

ANTÔNIO — E é só o que você tem a dizer?

MARIA — Só assim você ficaria vivo.

ANTÔNIO — Boa maneira de resolver tudo! Ele me deixaria solto, mas aqui eu não poderia ficar. Teria que voltar para o mato, como um cachorro, vendo a morte em todo canto, sujeito a ser sangrado pela primeira volante que me pegasse. A única mudança seria então que você estaria aqui, dormindo em cama limpa, respeitada por todo mundo como a rapariga do capitão. Quanto a seu pai, estaria livre de mim para o resto da vida. Era isso o que você queria? Fale, diga alguma coisa! Não nos resta muito tempo. E já que tenho de morrer, quero que pelo menos você me tire da dúvida.

MARIA — Agora eu tenho também a minha, Antônio, quero também minha garantia. Tem uma coisa que eu preciso saber.

ANTÔNIO — Que é?

MARIA — Você matou alguém?

ANTÔNIO — Matar?

MARIA — Sim.

ANTÔNIO — Como é que eu posso saber? Devo ter matado.

MARIA — Não, eu digo por você mesmo. Não na luta, atirando com os outros. Você matou alguém por sua própria iniciativa? O capitão disse aqui que você matou um soldado pelas costas, em Tavares.

ANTÔNIO — Você acha que eu matei?

MARIA — Antes, não havia quem me fizesse acreditar nisso. Mas depois do que você acaba de dizer, só você é quem pode dizer se matou ou não.

ANTÔNIO — Então é assim que você acredita em mim! E se eu matei?

MARIA — Eu quero ir com você, mas assim, não.

ANTÔNIO — Você devia vir comigo de qualquer maneira.

MARIA — Não com essa morte pegada na minha roupa.

ANTÔNIO — Que seria uma morte a mais no meio desta sangueira?

MARIA — Eu ficaria na dúvida para o resto da vida.

ANTÔNIO — Pois fique na dúvida, Maria. Estou pronto, pode chamar o capitão. Vá, e pode caminhar à vontade, pela estrada por onde marcha a polícia. Será a melhor maneira de inaugurar sua vida de segurança, ao lado da facilidade e do governo. Vá, chame!

MARIA — Você acha que eu teria coragem?

ANTÔNIO — É melhor que tenha. De qualquer modo eu vou sair, assim é melhor que você grite, porque assim pelo menos se aproveita alguma coisa com minha morte. Mas uma coisa eu lhe digo: a dúvida e o sangue estarão sempre com você.

MARIA — Pare, pelo amor de Deus. Já vi o que significam suas palavras sobre o sangue dos mortos.

ANTÔNIO — O sangue dos mortos!

MARIA — O desse soldado que você matou, talvez. E eu que disse a meu pai que você podia tomar o lugar do meu irmão!

ANTÔNIO — Ah, alguém que substituísse esse que está morto. Você sabe quem era esse morto?

MARIA — Era meu irmão que morreu sem que eu saiba para quê.

ANTÔNIO — E você sabe se eu queria tomar o lugar dele? Ele era o filho da casa, eu o enjeitado. Ele pode ficar com o lugar dele, eu só queria o meu. Se o meu não existe, como acabo de ver, não pense que estou tão arrasado, a ponto de aceitar qualquer coisa em troca dele. Você pensa que me arrasaram, Maria?

MARIA — Não sei. Pelo amor de Deus, Antônio, que foi que lhe fiz para você me dizer tantas maldades?

ANTÔNIO — Você devia ver Amaro lá em Tavares, sujo de sangue, matando conformado, esquecido de tudo o que era sua vida.

MARIA — Você o odiava, então?

ANTÔNIO — E podia ser de outra forma? Que é que você esperava? Você devia vê-lo lá em Tavares, com sua boca indecente, dizendo sujeiras com os outros, enquanto praticavam suas crueldades. Um dia, saí com ele, numa caravana. Você sabe o que é uma caravana, Maria?

MARIA — Não.

ANTÔNIO — É curioso, que vi coisas muito piores, como por exemplo o homem que sangraram. Mas de tudo, para mim, foi o que Amaro e os outros fizeram de pior. A gente saiu de tarde e encontrou um rapaz no mato. O cabo disse que ele era dos cangulos de Princesa e o rapaz disse que não. Era dali mesmo de Tavares, tinha corrido com o tiroteio, mas de vez em quando voltava escondido, para vigiar o gado de seu pai, solto ali na manga. Eram só três cabeças, duas vacas e um garrote. Ele pediu que não matassem as três reses, que era tudo o que seu pai tinha. Prometeu que mostraria outras, de gente mais rica, mas não houve jeito. Amaro pegou o fuzil e ali mesmo matou todas três, Maria. O menino chorava de fazer dó, mas todo mundo achou graça. Era desse irmão que você queria que eu tomasse o lugar?

MARIA — Era. Mas agora, não adianta mais. Pode ir. Você conseguiu o que queria. Destruíu a lembrança dele, e nada me deu em troca.

ANTÔNIO — E que é que eu podia dar? Meu nascimento? O mundo está cheio de gente ruim, Maria, gente que me olhava com olhos de fogo, cegando meus olhos. Sozinho, na escuridão cheia de estradas...

MARIA — Foi preciso escolher o caminho.

ANTÔNIO — Escolher o caminho. Sim, o capitão falou nisso. Como se ele soubesse a agonia que se esconde nisso.

MARIA — A agonia da deserção...

ANTÔNIO — A agonia do enfeitado! Agora, sou eu que não quero voltar. Estou extraviado. Se era assim que Deus me tratava, eu desafiava Deus.

MARIA — Foi essa morte? Você matou mesmo?

ANTÔNIO — Basta que você saiba que foi um desafio. O capitão disse o nome do soldado que eu tinha matado?

MARIA — Não, disse somente que tinha sido um companheiro seu e que a morte tinha sido pelas costas.

ANTÔNIO — *(Apontando para o quarto.)* E se a morte que eu tivesse feito fosse a dele? Se eu tivesse matado Amaro?

MARIA — Não pode ser!

ANTÔNIO — Por quê?

MARIA — Ele foi morto pelos cangaceiros, quando ia voltando da cacimba!

ANTÔNIO — Ouviu-se o tiro, Amaro caiu e todo mundo disse que tinham sido os cangaceiros. Mas se tivesse sido um soldado, da trincheira, aproveitando o momento para botar a culpa nos cangaceiros?

MARIA — Antônio, pelo amor de Deus!

ANTÔNIO — É outra dúvida que eu lhe deixo para resolver. Você disse que agora eu podia ir. Está bem, eu vou. Mas quero que você saiba que eu me vinguei, Maria. Vinguei-me de tudo, de meu nascimento, dos olhos com que me olhavam desde pequeno, do nome de enjeitado, de tudo. Seu irmão tinha tudo, eu nada. Mas agora seu irmão está como eu, você já sabe quem era ele e agora ele também não tem mais nada. Quanto a seu pai, estou vingado também. Primeiro, perdeu o que tinha, e agora, como é que vai viver, junto de você que já sabe que ele também não presta?

MARIA — Ele vai viver muito melhor do que eu pensava. Agora, só me resta me esquecer de você e fazer minha vida com ele, do melhor jeito que possa. Eu não poderia viver com ele antes, por causa da denúncia que ele fez ao capitão. Mas agora, vejo que ele tinha razão. Você tinha o sangue ruim.

ANTÔNIO — Ah, até que enfim você disse o que eu queria ouvir, Maria. Era isso que eu vinha provocando desde o começo. Eu sabia que, no fundo, você pensava isso, como todo mundo. Queria saber para ter certeza e então me vingar de todo mundo em você, naquela de quem na minha humilhação eu gostava. Você vai morrer, Maria.

MARIA — Morrer?

ANTÔNIO — Será o melhor modo de me vingar de uma vez. Vou matá-la como vingança. É tempo de rezar.

MARIA — A minha alma se afoga no sangue dos mortos.

ANTÔNIO — É o sangue dos mortos que nos espera. Você se lembra da história sagrada? É assim a queda de Satanás. Quando eu estava lá, matando, gostava de imaginar esse anjo negro, todo molhado de estrelas, mergulhando na noite cheia de riscas de fogo. Era isso que eu via quando

os fuzis atiravam de noite. E, quando o sol se punha, era no poente vermelho que Deus arrastava suas asas de sangue.

MARIA — Antônio, reze, senão sua alma está perdida!

ANTÔNIO — Ela se perdeu há muito tempo, no dia em que me acharam na sua porta. Junto ao rio e junto ao mar. Foi ali que me sentei e que me pus a chorar, me lembrando do sertão. Nos galhos da gameleira pendurei minha viola: os que me levavam preso exigiam que eu cantasse, para beber a alegria. E diziam: canta, cego, as cantigas do sertão! Mas eu, com pena de mim, cego e preso junto ao mar, respondia: como posso cantar as canções de Deus, aqui, preso em terra estranha, longe do sol do sertão? Bem, chegou a hora de morrer. Está na hora de escolher, o capitão mesmo disse. Eu vou ter de matar você de faca. Se você gritar, dá tempo: os soldados entram e você escapa. Grite!

MARIA — Não.

ANTÔNIO — Grite, é a última vez que mando, aproveite a oportunidade que lhe dou. Não quero ser menos generoso do que aquele cachorro que também lhe deu uma. Grite!

MARIA — Não.

ANTÔNIO — Então eu vou matá-la. Você quer rezar?

MARIA — Quero.

ANTÔNIO — Então reze. (*MARIA se ajoelha e ANTÔNIO recita.*)

A noite esconde o frio, e o sangue dos fuzis.

Dentro da noite estendo braços que procuram.

Todo sujo de sangue espero pela aurora,

essa aurora de sol que nunca hei de alcançar.

Meus olhos são de pedra, as pernas vacilantes.
Carrego a luz da morte no peito desgarrado.
O sangue e a luz do fogo me apontam o caminho.
Eu vi coisas de mais! Ó, salve-me, Senhor!

(Ele avança para MARIA, sem nenhuma dureza. A expressão de seu rosto mudou inteiramente. Estende as mãos para a cabeça dela, como quem vai abraçá-la, mas detém-se, passa as mãos sobre seus cabelos, mas sem tocá-los.) Maria! Tudo o que eu lhe disse de mim é verdade. Mas aquilo que eu lhe contei de Amaro é mentira, ele morreu bom como você sempre conheceu. Se mudou em alguma coisa, foi por causa daquela terra dura, da luta, das pedras e da sede, de tudo aquilo que sufocava a gente. Quero que você saiba disso, antes de morrer. Mas, no resto, o Capitão disse a verdade: fui eu mesmo que atirei em Amaro, por causa de tudo o que passei aqui. Adeus! Capitão, socorro!

Fere-a levemente nas costas e sai correndo.

MARIA — Antônio! *(Ouvem-se vários tiros.)* Antônio!

Entram NESTOR e o CAPITÃO.

NESTOR — Maria! Maria!

MARIA — *(Abraçando-o.)* Meu pai!

NESTOR — Antônio está morto!

MARIA — Eu sei.

CAPITÃO — Nós ouvimos o seu grito. Você está ferida?

MARIA — Antônio ia me matar, meu pai! Com esta faca!

NESTOR — Está vendo, Maria? Eu não lhe disse que ele tinha o sangue ruim? Felizmente tivemos a ideia de cercar a casa, de outra maneira você teria morrido.

MARIA — Como era o nome do soldado que ele matou em Tavares?

CAPITÃO — Em Tavares?

MARIA — Sim, o senhor não disse que ele tinha matado um companheiro pelas costas?

CAPITÃO — Maria, esse cachorro quis matá-la e agora você já sabe que na verdade ele tinha o sangue ruim. Você já sabe que eu tinha razão quando o procurava para matá-lo. Você escolheu o lado certo, de modo que agora posso dizer a verdade: essa história da morte de Tavares não aconteceu não. Eu precisava que o ódio por ele aumentasse, para a denúncia aparecer logo. Além disso, precisava ter alguma explicação, se aparecesse alguém perguntando pela morte dele. Sei que isso é duro, mas se a gente amolecer com os que desertam, a luta de Princesa está perdida, porque não fica mais nem um soldado lá.

MARIA — Quer dizer então que ele não tinha matado ninguém?

CAPITÃO — Não.

MARIA — Entendo. *(Encaminha-se para a saída.)*

NESTOR — Maria!

MARIA — Que é, meu pai?

Nestor — Para onde você vai?

MAURÍCIA — Quero vê-lo pela última vez. Ele está lá fora?

NESTOR — Não, aí na porta. Mas talvez seja melhor esperar, você não acha?

MARIA — Não, deixe, eu quero ir. O senhor tem razão, daqui dá para avistá-lo. Coitado, todo sujo de sangue, ele que tinha tanto horror a isso, à violência e à brutalidade! E tudo isso para ver se era possível eu viver minha vida, esquecendo-o. Antônio, meu amor, se ainda pode, me perdoe pela desconfiança que tive. Como poderia continuar sem você? A faca era sua, me espere que eu já vou!

No limiar da porta, apunhala-se e cai fora de cena.

CAPITÃO — Moça!

NĒSTOR — Maria!

Correm e as luzes se apagam. Quando se acendem de novo, o Cego está em cena.

CEGO

Alguém morreu na estranha madrugada.
Morreu sem lamentar-se inutilmente.
A noite escureceu sobre a sua alma,
cravaram-se as estrelas no seu corpo.

Alguém morreu na estranha madrugada.
Homens velhos torceram-se na cama

e as colunas de sangue dessa morte
pesaram sobre a terra adormecida.

Um homem? Uma mulher? A nós que importa?
A vida debateu-se no silêncio
e foi por fim tragada pelas águas
no fogo e no diamante incendiado.

E as colunas de sangue dessa morte
quebraram-se na aurora contra os muros.

Não houve pranto inútil nem lamentos:
alguém morreu na estranha madrugada.

PANO.

*Recife, 18 de abril a 20 de maio de 1948.
Reescrita de 12 a 13 de maio de 1958.*

